

ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL NO SUL DO BRASIL¹

Paulo Henrique Eberhardt*
Jandir Ferrera de Lima**

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa foi analisar o estágio de desenvolvimento econômico regional das microrregiões do Sul do Brasil, comparando sua evolução no início do século XXI. Os trabalhos de W. W. Rostow norteiam essa análise, dado que seus trabalhos classificam o processo de desenvolvimento econômico em fases. A análise fatorial, por meio do método de componentes principais, foi o modo escolhido para mensurar os estágios de desenvolvimento, compreendendo os períodos de 2000 e 2010. Com as variáveis econômicas e sociais selecionadas para a pesquisa, foi estimado o Índice de Desenvolvimento Econômico Regional (IDER). Com esse indicador, foram classificadas as microrregiões em três diferentes estágios de desenvolvimento: Avançado, Em Transição e Retardatário. Os resultados indicaram dois efeitos diferentes no sul do Brasil. Em 2000, foram observados “arquipélagos” de desenvolvimento, com poucas microrregiões que se localizam proximamente tendo estágios superiores de desenvolvimento, como nas porções Oeste e Norte do Paraná. Em 2010, a forma geométrica observada é um retângulo, que pode se classificar como “corredores” de desenvolvimento, como os localizados no sentido Leste-Oeste de Santa Catarina e Leste-Norte do Paraná.

Palavras-Chave: Desenvolvimento regional; economia regional; economia brasileira, desenvolvimento econômico.

1. INTRODUÇÃO

São inúmeras as correntes de pesquisa que procuram explicar o processo de desenvolvimento das nações. A corrente utilizada como referencial teórico para essa pesquisa analisa o processo de desenvolvimento que o divide em fases ou estágios de desenvolvimento.

O precursor dessa linha de pensamento, Walt Whitman Rostow, a desenvolve entre as décadas de 1950 e 1960, período em que a ideologia comunista era forte e sua teoria surge como uma alternativa aos países comunistas, sendo que sua última fase, de consumo em massa, era uma síntese do momento em que os Estados Unidos vivenciavam na época: alta renda *per capita* que proporcionava maior lazer às famílias e permitia ao Estado maior planejamento para se construir o Estado de Bem-estar.

Os estágios de Rostow não são meramente descritivos. Ao se utilizar de uma perspectiva histórica, utiliza-se de conceitos da teoria da produção (Consumo, investimentos e poupança) para enfatizar alguns fatores que deveriam estar presentes nas economias dos países para estes avançarem em seu processo de desenvolvimento.

O equilíbrio entre oferta e demanda também são mencionados na teoria de Rostow. Enquanto a demanda é vista pela necessidade de aumento e distribuição de renda, a oferta é analisada a partir de uma perspectiva principalmente tecnológica, sendo a tecnologia um fator vital para a passagem para o estágio posterior.

Utilizando-se do arcabouço Rostowiano sobre estágios de desenvolvimento, essa pesquisa discorrerá sobre os estágios de Rostow, sobre os aspectos regionais de sua teoria, as críticas sofridas e também sobre as demais teorias que versam sobre desenvolvimento regional, além de analisar o perfil e identificar os estágios de desenvolvimento econômico regional das microrregiões do Sul do Brasil.

Nas partes seguintes, serão abordadas algumas teorias que versam sobre desenvolvimento regional, a teoria de W. W. Rostow e as críticas recebidas por ele.

¹ Esta pesquisa é parte da dissertação defendida pelo segundo autor, sob orientação do primeiro.

2. TEORIAS DOS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL

O desenvolvimento econômico é caracterizado não apenas pelo crescimento econômico, ou seja, a expansão do produto da economia, mas por melhorias nas condições de vida da população, tais quais acesso a educação, emprego, moradia, saneamento e lazer, entre outros.

Segundo Fonseca (2006), o desenvolvimento econômico não é um processo espontâneo, pois necessita de investimentos e ações, que estão diretamente associados aos propósitos dos governos, ou seja, ao projeto político referendado pela população que legitima a intervenção do governo na economia. Por exemplo, o governo pode usar a tributação como instrumento para distribuir renda, transferindo das classes mais altas a parcela da renda destinada à poupança e aumentando a renda das classes mais baixas, e assim, aumentando seu consumo. Os tributos também influenciam na eficiência da indústria, pois menores impostos fazem com que a parcela que antes seria repassada ao governo, agora possa ser investida em pesquisa e desenvolvimento (P&D). Os tributos também fornecem recursos financeiros que o Estado poderá dispor para investir nas regiões periféricas.

Pelinski (2007) e Lima (2006) indicam a importância dos investimentos do Estado no desenvolvimento dos municípios e regiões periféricas. Quanto maior o investimento, maiores serão as disponibilidades de recursos para o município se desenvolver economicamente. Porém, o montante investido atinge um nível no qual o município se desenvolve a taxas decrescentes. Isso significa que quanto mais desenvolvida a região, maiores quantias de capital gerarão cada vez menores taxas de crescimento econômico e desenvolvimento.

Enquanto Pelinski (2007) e Lima (2006) apresentam a influência do Estado no desenvolvimento das regiões, Piacenti (2009) enfoca o potencial de desenvolvimento endógeno das regiões. Ou seja, a atuação dos agentes econômicos da própria região, caracterizados pelos capitais humano e social, para estimular o desenvolvimento econômico e social. No caso, o desenvolvimento econômico é feito pela base, com pouca ou nenhuma intervenção direta do Estado.

Os estudos de Pelinski (2007), Piacenti (2009) e Kleinschmitt e Ferrera de Lima (2011) reforçam e demonstram empiricamente a constatação de Perroux (1977), para o qual as regiões não se desenvolvem ao mesmo tempo, nem da mesma forma, nem na mesma intensidade. O desenvolvimento econômico é localizado e envolve o surgimento de atividades econômicas motrizes, ou seja, atividades capazes de estimular outras atividades e transformar todo o conjunto da economia.

Já para Furtado (2000), a ideia de desenvolvimento econômico refere-se a um processo de transformação que conduz a melhorias de renda e nas relações sociais. Transformações no modo de produção, com absorção de tecnologia e introdução de inovações mais eficazes com o intuito de gerar mais produtividade e maior oferta de bens e serviços à disposição da população.

Nessa mesma linha, Haddad (2009) e Zamora (1976) afirmam que o desenvolvimento econômico tem uma concepção mais ampla do que o consumo de bens e serviços, pois envolve o bem-estar físico, moral e espiritual. O desafio de se alcançar o desenvolvimento regional vai muito além de proporcionar emprego e renda à população. Este engloba também aspectos como lazer, entretenimento e diversão, ou seja, o processo de desenvolvimento não é de ordem puramente econômica. Ele envolve também aspectos sociológicos, políticos, antropológicos e ecológicos. O papel da economia se torna relevante nos aspectos relacionados à geração de renda, consumo e produção. O papel dos aspectos sociais e antropológicos se tornam importantes na medida em que as vertentes culturais enraizadas nas sociedades devem ser levadas em consideração no momento da elaboração de estratégias para o desenvolvimento econômico.

Indiferente à geografia, Zelinski (1976) classifica a transição demográfica das sociedades em fases: a primeira fase contém traços primitivos, com transações comerciais restritas. Nas fases seguintes, aumentam os movimentos de

mão-de-obra desqualificada para regiões mais desenvolvidas. Os deslocamentos de pessoas entre regiões distantes tendem a diminuir conforme avança a tecnologia na área de comunicação.

2.1 OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE WALT WHITMAN ROSTOW

Para Rostow (1978), a sociedade tradicional se caracteriza pela produção limitada à subsistência. A produção é limitada pelo nível em que se encontra a ciência e tecnologia. Para definir as regiões que passaram por essa fase, Rostow aponta Issac Newton como o divisor de águas, estabelecendo um mundo pré-newtoniano e pós-newtoniano. As sociedades tradicionais seriam as do mundo pré-newtoniano, como as dinastias da China, as civilizações do Oriente Médio e Mediterrâneo e o mundo da Europa medieval.

Para a região possuir as precondições para o arranco, Rostow (1978) mostra que esse processo nem sempre ocorreu por iniciativa da própria sociedade. Houveram casos em que foi necessária uma intervenção externa. Essa intervenção fez insurgir na região um desejo de transformação daquela sociedade tradicional. Nos casos em que não houve interferência externa e a transição para a próxima fase se deu de modo endógeno, houve suficiente disposição das elites agrárias para aceitar a mudança de uma economia predominantemente agrícola para uma economia industrializada, onde a criação e a capacidade de absorção de tecnologia são maiores, assim como traz maior dinamismo à economia como um todo. Os que possuem o poder devem estar engajados na busca pelo progresso em detrimento de uma mentalidade conservadora, que mantém as atuais estruturas políticas, sociais e, principalmente, econômicas, que resultam na estagnação do país em seu processo de desenvolvimento, ou que até mesmo o façam retroceder. Ou seja, a evolução da sociedade depende da capacidade das elites em incorporar o progresso e empreender.

De todos os estágios de desenvolvimento econômico de W. W. Rostow, o estágio do arranco é a mais debatida. Para Rostow (1978 e 2010), é nesse estágio que um ou mais setores da economia obterão crescimento acima da média. É nesse momento que uma região vai superar os obstáculos que o prendem ao subdesenvolvimento. O fator mais importante para se alcançar esta fase de desenvolvimento econômico é tecnológico, onde o estoque de capital acumulado propicia maior produção, tanto da agricultura quanto da indústria. Essa maior produção exige maior número de empregados, assim como maior oferta de insumos e outras matérias-primas. Isso acaba por funcionar como um efeito multiplicador, incentivando a produção de outros bens e serviços.

No estágio da marcha para a maturidade, há um longo período de consolidação da atividade econômica e intensificação do comércio internacional. Neste estágio, ciência e tecnologia evoluíram de tal maneira que o país pode produzir tudo o que desejar. Sendo assim, a barreira tecnológica não é mais obstáculo na produção de bens e serviços. A região deve aproveitar essa tecnologia para agregar valor aos recursos naturais de que dispõe. Esse é o momento em que a tecnologia se desenvolveu por completo, pelo menos até avançar para o próximo estágio. As sociedades conseguirão avançar em seu processo de desenvolvimento sempre que o foco for os setores dinâmicos existentes na economia, o qual, aliado ao desenvolvimento tecnológico, resultará no aumento das inovações.

Na era do consumo em massa, Rostow (1978) afirma que o avanço tecnológico não é mais prioridade. A taxa de aumento da renda ultrapassa a taxa de crescimento da população. As pessoas passam a consumir diariamente mais do que o mínimo necessário. Nessa fase, a prioridade é o investimento em assistência social, já que, como a população consome mais do que o mínimo necessário, o crescimento econômico não é mais o objetivo principal, sendo substituído pelo desejo de melhora nos indicadores de qualidade de vida.

No último estágio de desenvolvimento econômico, uma era pós consumo em massa, Rostow (1978) idealiza uma sociedade na qual a renda é alta o suficiente e as pessoas não possuem incentivos para aumentá-la ainda mais. Nesse momento, Rostow expõe uma situação onde o problema não é mais a ingestão mínima de alimentos que uma pessoa necessita diariamente, mas o oposto, a ingestão demasiada, onde o problema se torna outro, a obesidade.

Nessa fase também os problemas de moradias estão totalmente sanados. Como nesse estágio problemas básicos não existem mais, Rostow pensa que os indivíduos dessa sociedade passarão a sofrer de tédio, pois não há estímulo para eles melhorarem ainda mais seu bem-estar.

A Figura 1 expõe os estágios de desenvolvimento de Rostow (1978), fazendo relação com o período que alguns países vivenciaram cada uma desses estágios, sendo que a teoria se utiliza dessa perspectiva histórica. A experiência britânica, por exemplo, com o nascimento de grandes inventores, revolucionando a tecnologia.

Na abertura com o mundo externo, Rostow utiliza o exemplo japonês enquanto que para elucidar os exemplos de revoluções políticas que objetivavam a mudança são citados os casos da Rússia, com a revolução Bolchevique de 1917 e a revolução Chinesa de 1911. Assim como o caso americano da década de 1960 para mostrar uma sociedade que vivenciou uma era de consumo em massa.

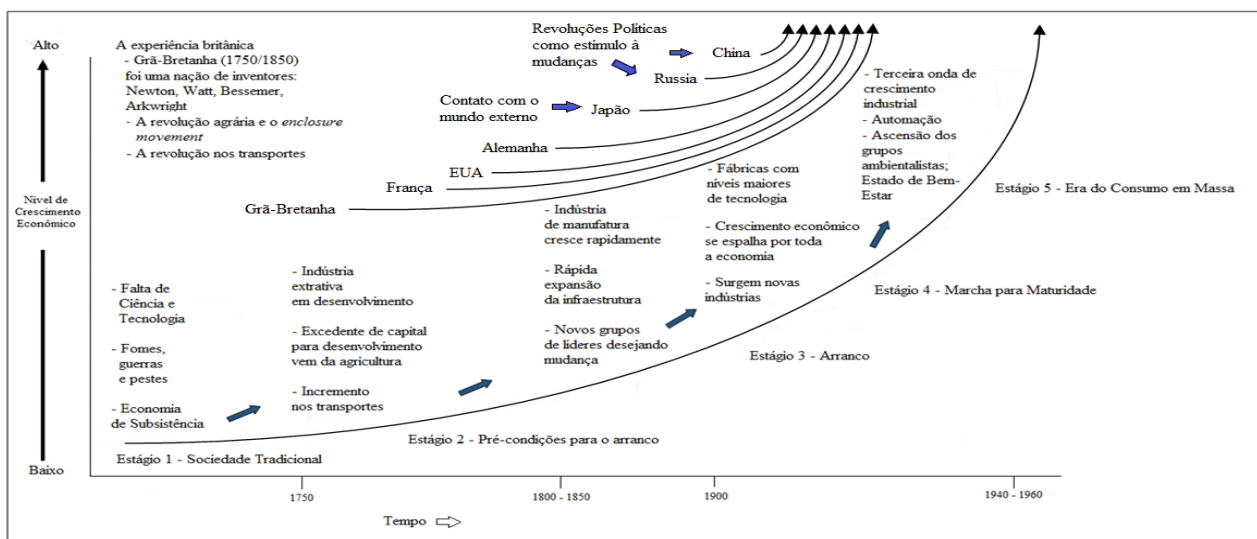


Figura 1. O modelo de desenvolvimento econômico de Rostow aplicado a alguns países

Fonte: (Em: <<http://fmc12geo.blogspot.com.br/2008/06/rostow-model.html>>)

Para Rostow (1971 e 1978), duas características são de extrema importância para uma sociedade que queira avançar no seu processo de desenvolvimento: primeiro, é necessário a constante evolução da ciência e tecnologia. Com isso, a sociedade poderá aumentar a produtividade, podendo produzir mais sem aumentar a quantidade de recursos para tal, assim como difundir o processo de inovação para todos os setores da economia. Segundo, para haver a passagem para o próximo estágio, além da incorporação dos avanços tecnológicos, a quebra de paradigmas tem de ocorrer, essencialmente entre as elites e aqueles que detém o poder nessa sociedade.

2.2 CRÍTICAS À TEORIA DOS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Neste item, serão apresentados os autores que criticam o modelo de Rostow (1978 e 2010) de classificar o processo de desenvolvimento em estágios.

Bulhões (1960) concorda com Rostow ao considerar que existe uma força propulsora para impulsionar o desenvolvimento. A divergência entre os autores reside em quais setores devem ser incentivados para haver tal impulsão. Para Rostow (1978), apenas a indústria tem o poder de transformar a estrutura econômica de forma a promover o crescimento. A crítica de Bulhões (1960) é que a agricultura também possui a capacidade de promover o crescimento.

Bulhões (1960) também se alinha parcialmente ao pensamento de Rostow de que é preciso especializar a estrutura produtiva. A idéia de Bulhões é que, num segundo momento, o estoque de capital gerado seja alocado para promover a diversificação da produção. Cita ainda o caso do estado de São Paulo que solidificou uma estrutura de produção diversificada, a partir de uma economia especializada na produção de café.

Uma economia especializada e eficiente, segundo Bulhões (1960), produzirá quantias superiores à demanda, devido à elasticidade da oferta ser maior que a da demanda. Como consequência, se terá um arrefecimento no lucro das empresas. É nesse momento que reside a crítica de Bulhões àquelas regiões que não avançam de uma economia especializada para uma economia diversificada.

Para Furtado (1986), o problema do subdesenvolvimento econômico possui caráter estrutural. Sua crítica recai sobre a simplicidade em se analisar o processo de desenvolvimento em estágios. A idéia de que todos os países passariam por cinco fases de desenvolvimento supõe que todos os países possuem a mesma estrutura de produção e que a sociedade reagiria da mesma maneira na transição entre cada etapa, ou seja, todas as sociedades seriam iguais nos aspectos políticos, culturais, sociais e econômicos.

Para Cardoso e Brignoli (1983, p. 414), o problema de Rostow, ao partirem de uma análise histórica, foi o anacronismo, utilizando-se do artifício da comparação entre as sociedades da China, EUA, Alemanha e Japão, por exemplo, para explicar o avanço destas sociedades em estágios. Para os autores, “só é proveitoso comparar o realmente comparável”.

Assim como Bulhões (1960), Cardoso e Brignoli (1983) apontam o problema em se confiar em apenas um setor para alavancar o crescimento. O modo de se interpretar o arranco, assim como seus impactos, serão diferentes entre cada sociedade, pois depende do modo como a sociedade reagirá à essas mudanças.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir do referencial teórico, dos dados coletados de cada microrregião do Sul do Brasil e utilizando-se do arcabouço estatístico da análise fatorial, será construído o Índice de Desenvolvimento Econômico Regional (IDER), o qual mostra o grau de dinamismo de cada microrregião em relação ao desempenho médio da região de referência. Esse indicador demonstra o perfil e o estágio do processo de desenvolvimento econômico regional.

Para mensurar o IDER, utilizou-se o emprego de técnicas estatísticas multivariadas, que permitem verificar o efeito de todas as variáveis do modelo conjuntamente. Como há uma inter-relação entre as variáveis, aumenta a importância de se analisar todas as variáveis simultaneamente. Pode-se citar vários trabalhos que se utilizaram dessa técnica: Rezende, Fernandes e Silva (2007); Nakamura et al (2010); Perobelli et al (1999); Prates Rodrigues (2002); Froehlich e Neumann (2007).

A análise multivariada fornece a possibilidade de observar as variáveis que mais se relacionam e as agrupar em fatores. As variáveis utilizadas serão dados quantitativos discretos que procurarão refletir as causas e os efeitos do desenvolvimento. Os dados serão intensificados para retratar mais fielmente a condição das microrregiões.

Com o auxílio da análise fatorial, utilizando-se do método dos componentes principais, serão estimadas várias equações que permitirão mensurar o IDER.

Nessa pesquisa utilizar-se-á a seguinte ordem para se estimar o IDER:

- 1) Estimar a equação que irá fornecer as cargas fatoriais e os fatores comuns (Equação 1).
- 2) Estimar os escores fatoriais (Equação 2).
- 3) Observar como os dados se ajustam ao modelo, através do *KMO* (Equação 3)
- 4) Estimar o índice bruto (Equação 4).
- 5) Construir o Índice de Desenvolvimento Econômico Regional.

O método dos componentes principais é utilizado na análise fatorial para decompor em fatores todas as variáveis inseridas no modelo. Isso permite verificar o quanto cada fator contribui para a explicação da variância total dos dados da amostra.

Uma combinação linear é estimada entre as variáveis e os fatores, da seguinte maneira:

$$X_i = A_{i1}F_1 + A_{i2}F_2 + A_{i3}F_3 \dots A_{ik}F_k + E_i \quad (1)$$

Em que:

A_{ik} = Cargas fatoriais, usadas para combinar linearmente os fatores comuns

F_k = Fatores comuns

E_i = Fator de erro

As cargas fatoriais indicam a intensidade em que se relacionam as variáveis originais e os fatores. O quadrado de seu valor indica o potencial de explicação que a variação em uma variável tem sobre o fator. Os fatores comuns são os fatores que não se relacionam entre si e o fator de erro indica a parcela que não é explicada por nenhuma das variáveis inseridas no modelo. (BEZERRA, 2007; PEREIRA, 2001)

Multiplicando-se o coeficiente dos escores (G_{ji}) pelas variáveis originais obtêm-se o valor dos escores fatoriais.

A expressão matemática definida para expressar os escores fatoriais é:

$$F_j = G_{j1}X_1 + G_{j2}X_2 + G_{j3}X_3 + \dots + G_{jp}X_p \quad (2)$$

$$F_j = \sum_{i=1}^i \omega_{ji}X_i$$

Em que F_j são fatores comuns não relacionados, os G_{ji} são os coeficientes dos escores fatoriais, X_i são as variáveis e p é o número de variáveis.

O teste de *Kaiser-Meyer-Olkin (KMO)* é realizado para medir a adequação dos dados ao modelo escolhido para a pesquisa. O teste verifica qual o nível de correlação entre todas as variáveis e cada variável parcialmente (REIS, 1997).

O valor do *KMO* é resultante da seguinte equação:

$$KMO = \frac{\sum_{i=1}^P \sum_{j=1}^P r_{ij}^2}{\sum_{i=1}^P \sum_{j=1}^P r_{ij}^2 + \sum_{i=1}^P X_i^2 \sum_{j=1}^P a_{ij}^2} \quad (3)$$

A Tabela 1 indica os valores que auxiliam na interpretação dos resultados de *KMO*.

Tabela 1 - Interpretação do *KMO*

KMO	Interpretação
0.80 - 1.00	Excelente
0.70 - 0.80	Ótimo
0.60 - 0.70	Bom
0.50 - 0.60	Regular
0.00 - 0.50	Insuficiente

Além do KMO, outro teste que verifica se as premissas da análise fatorial são atendidas é o *Bartlett Test of Sphericity* (BTS). A função do BTS é verificar se a matriz de correlação é uma matriz identidade (diagonal igual a 1 e todas as outras medidas igual a zero), ou seja, que não há correlação entre as variáveis (PEREIRA, 2001).

Após a estimação das cargas fatoriais e dos escores fatoriais e utilizando-se da Equação 4, será criado uma média ponderada para cada microrregião, chamada de Índice Bruto².

$$IB = \frac{\sum_{i=1} (w_i F_i)}{\sum_{i=1} w_i} \quad (4)$$

Sendo:

IB = Índice Bruto

W_i = proporção da variância explicada por cada fator

F_i = escores fatoriais

Tendo por base a teoria de W. W. Rostow e a metodologia utilizada por Gualda (1995) para mensurar o índice de desenvolvimento regional, foi criado o Índice de Desenvolvimento Econômico Regional (IDER), no qual a microrregião com maior índice obterá valor 100 e a microrregião com menor índice obterá valor 0. A equação que estima o Índice de Desenvolvimento Econômico Regional é:

$$IDR = \frac{X - IB_{\min}}{IB_{\max} - IB_{\min}} \quad (5)$$

Sendo:

X: o valor do índice bruto da microrregião;

$IB_{\min}$: o valor da microrregião de menor índice bruto e;

$IB_{\max}$: o valor da microrregião de maior índice bruto

O objetivo é classificar o perfil de desenvolvimento econômico regional das microrregiões em estágios, quais sejam: avançado, em transição ou retardatário. Esses estágios foram confrontados com o arcabouço teórico de Rostow, para ampliar e referenciar a classificação das regiões.

Para isso, foi estimado a Média e o Desvio padrão do IDER de todas as microrregiões. A microrregião com IDER abaixo da média será considerada retardatária. As microrregiões com IDER acima da média e até dois desvios-padrão acima da média foi considerada em transição e as microrregiões com IDER acima de dois desvios-padrão foi classificada como avançada.

A média do IDER para o ano de 2000 foi 40,268, com desvio padrão de 18,88. Para o ano de 2010, o valor da média foi 45,810 e se desvio padrão foi de 19,13. Assim, a seguinte classificação foi criada:

² Índice baseado no estudo de Mello (2006), que teve por objetivo a estimação de um Índice de Desenvolvimento Rural.

Quadro 1 - Limites para os estágios de Desenvolvimento Econômico Regional no Sul do Brasil – 2000/2010

Estágio	Limite Inferior	Limite Superior
2000		
Avançada	78,045	100
Em Transição	40,268	78,044
Retardatária	0	40,267
2010		
Avançada	84,089	100
Em Transição	45,81	84,088
Retardatária	0	45,809

Fonte: Resultados da pesquisa, a partir de Rostow (1978)

Essa relação foi feita através da análise das variáveis inseridas por Rostow (1978) em cada etapa de desenvolvimento e as variáveis que as microrregiões tiveram maior correlação.

As variáveis utilizadas na pesquisa foram: exportações, PIB Primário, PIB secundário, PIB terciário, PIB Total *per capita*, Taxa de Urbanização, Número de famílias beneficiadas pelo programa Bolsa Família, Número de Professores, Taxa de Homicídios, Despesas com Saúde e Saneamento, Despesas com Educação e Cultura, Despesas com Habitação e Urbanismo, Despesas com Esporte e Lazer, Emprego formal da agropecuária, Emprego formal dos setores secundário e terciário. As fontes são Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Secretaria de Comércio Exterior, IBGE, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), RAIS, IPEA, Ministério da Fazenda Secretaria do Tesouro Nacional.

3 CORRELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL (IDER)

Esta parte apresenta os resultados da análise fatorial para as variáveis dos períodos de 2000 e 2010.

3.1 RESULTADOS DE 2000

Entre as variáveis utilizadas em ambos os períodos, foram extraídas para o ano de 2000 cinco fatores com raiz característica maior que a unidade, que condensam as 12 variáveis utilizadas originalmente. Para a melhor adequação das variáveis ao modelo utilizado, foi feita a rotação dos dados através do método *varimax*. Os cinco fatores extraídos explicam 77,56% da variância total das variáveis selecionadas.

O teste de *Bartlett* foi significativo, o que significa que pode-se rejeitar a hipótese nula de que a matriz de correlação é uma matriz identidade. O teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), que indica quanto os dados se ajustam ao modelo, se mostrou aceitável, com o valor de 0,528.

As variáveis que mais se relacionam positivamente com o primeiro fator foram: taxa de urbanização e número de professores. A variável que mais se relacionou negativamente foi a que mostra a relação entre famílias que estão no programa Bolsa Família e a população total. Isso demonstra que a proporção de professores está situada principalmente em áreas urbanas, enquanto as famílias que estão no programa Bolsa Família habitam basicamente a área rural, ou seja, na Região Sul do Brasil a pobreza extrema está dispersa em áreas rurais.

Quanto às variáveis que se agruparam no Fator F2, se relacionam forte e positivamente as variáveis *Exportações* (Proporção das exportações como porcentagem do PIB Total), *PIBsector* (Quociente entre a soma dos PIBs do setor secundário e terciário e a soma do emprego formal dos setores secundário e terciário) e *PIB per capita*. No Fator F2 se condensaram as variáveis relativas à produção e produtividade.

As maiores correlações no Fator F2 indicaram que as exportações são principalmente do setor secundário e que se alia às despesas com educação, o que ajuda na explicação da inserção da variável *PIB per capita*.

Os trabalhos sobre Capital Humano explicam a posição significativa que a variável Educação teve na composição do Fator F2, já que maiores despesas com educação podem resultar em melhoras nos níveis de educação e, assim, aumentar a produtividade. (VIANA e FERRERA DE LIMA, 2010; PELINSKI, 2007)

As pesquisas de North (1955 e 1977) e Piffer (1999) corroboram a inserção da variável Exportações no Fator F2, na qual o nível de exportações da região determinam o potencial de crescimento dela.

No tocante ao Fator F3, as variáveis agregadas nesse fator se relacionam às despesas que as prefeituras realizam em cada município. Ou seja, as despesas relacionadas à Saúde e Saneamento, Habitação e Urbanismo, Educação e Cultura e Esportes e Lazer corroboram os estudos que mostram a importância do Estado como promotor do Desenvolvimento. Portanto, o Fator F3 condensou as variáveis relacionadas às despesas públicas.

No Fator F4, apenas uma variável se destaca fortemente e com uma relação negativa. A variável PIBpri (PIB primário/emprego formal em áreas rurais).

À respeito do Fator F5, as variáveis relevantes foram Habitação e Homicídios, indicando que nesse fator está agrupada a variável que representa a segurança pública. Trabalhos como o de Becker (1968) mostra como a prática de crimes violentos (como a prática de homicídios) diminuem a qualidade de vida da população e pioram seus indicadores de Desenvolvimento.

3.2 RESULTADOS DE 2010

O método dos componentes principais utilizado no segundo período (2010) foi o mesmo utilizado no primeiro período, assim como o modelo de análise será semelhante.

De início, a grande diferença entre o primeiro e o segundo período foi o número de fatores extraídos. No segundo período, após a rotação, apenas quatro fatores foram extraídos, que explicam 72,88% da variância total das variáveis selecionadas.

O teste de *Bartlett* se mostrou significativo, então pode-se rejeitar a hipótese nula de que a matriz de correlação é uma matriz identidade. O teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), que indica a adequabilidade das variáveis ao modelo, se mostrou de valor considerado bom, com valor de 0,619.

As variáveis agrupadas no Fator F1 que estão fortemente relacionadas são Exportações, PIB dos setores secundário e terciário, PIB per capita e educação. Pode-se inferir que o nível de exportações e PIB dos setores secundários e terciários têm influência na variável que mede a produtividade média da população, PIB *per capita*. Ademais, os recursos advindos do PIB podem ter feito com que seja fortemente correlacionado a variável educação, com maiores investimentos nessa área.

Em relação ao Fator F2, as variáveis que mais se relacionaram foram Número de Professores e gastos com saúde, assim como o número da famílias cadastradas no programa bolsa família (a relação desta última variável foi negativa).

No Fator F3, três variáveis se mostraram de alta correlação: PIB do setor primário, urbanização e gastos com saúde. A correlação forte e positiva entre essas duas últimas variáveis podem advir da alta aglomeração de pessoas em áreas urbanas, que exigem maiores gastos na área de saúde e saneamento.

No Fator F4, destacam-se com maior correlação as variáveis relacionadas à gastos sociais, nas áreas de Habitação e Urbanismo, assim como Esportes e Lazer.

Uma das principais alterações entre os dois períodos estudados foi a diminuição no número de fatores. A variável homicídios deixou de ser fortemente relacionada com qualquer componente, o que explica em parte a extração de 4 componentes no segundo período em comparação aos 5 do primeiro período, no qual o quinto fator possuía justamente uma forte associação com essa variável.

4 O ESTÁGIO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL DAS MICRORREGIÕES DO SUL DO BRASIL

Nesta parte, será exposto os resultados do IDER, assim como a classificação deste índice em estágios, traçando um perfil das microrregiões com auxílio das variáveis que se mostraram de maior correlação.

4.1 RESULTADOS DE 2000

Na metodologia proposta, foram encontrados no ano de 2000, cinco microrregiões em estágio Avançado, trinta e oito consideradas Em Transição e cinquenta e uma microrregiões em estágio Retardatário. O padrão de localização de cada estágio de desenvolvimento foi diferenciado em cada Estado.

O perfil de localização das microrregiões com estágios avançado e em transição no Estado do Paraná mostrou uma dispersão estadual, pois observa-se microrregiões nestes estágios de desenvolvimento no Leste, no Norte, no Oeste e na porção Sul do Estado. Em Santa Catarina, tendo em vista a diferenciação geográfica do território, observam-se que existem microrregiões em estágio de transição na porção central e Leste do Estado. Enquanto no Estado do Rio Grande do Sul, observa-se um padrão de concentração na parte central com microrregiões que se encontram em estágio de transição ou avançado, com apenas uma exceção (microrregião Litoral Lagunar) se localizando na parte Sul.

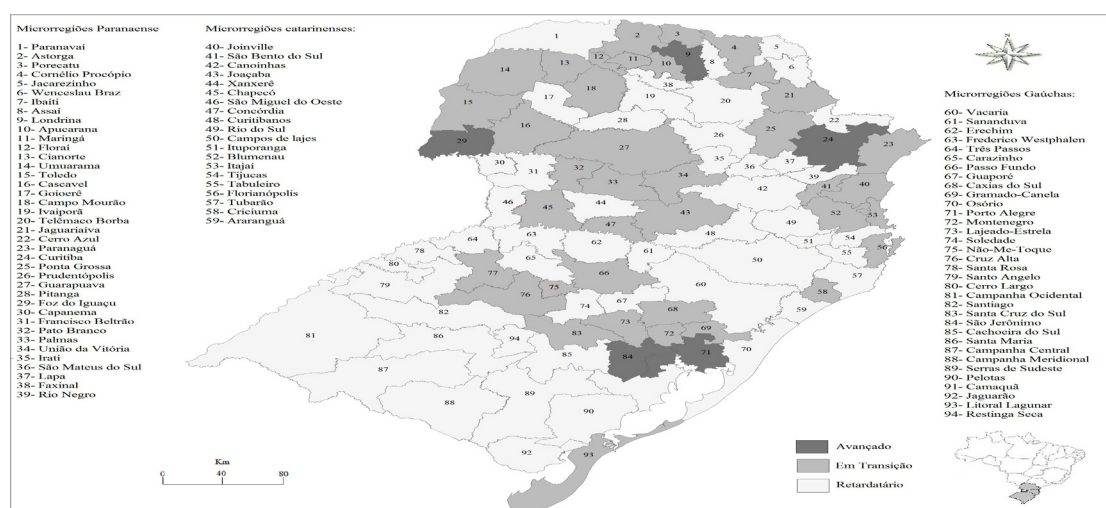


Figura 2 - Distribuição espacial dos estágios das microrregiões do Sul do Brasil – 2000

Fonte: Resultados da pesquisa

No ano 2000, no qual foram extraídos cinco fatores, a microrregião de maior IDER, foi Curitiba (PR). Ela teve maiores correlações com os fatores F5, F1 e F3. Esses fatores ficaram mais correlacionados positivamente com as variáveis Urbanização e número de Professores, e negativamente relacionada com a variável Bolsa Família. A

condensação das variáveis nestes três fatores permitem inferir que a microrregião de Curitiba figurou na primeira posição entre todos os IDERs do Sul do Brasil em função de seu nível de urbanização (93% da população reside em área urbana), seu número de professores (893 para cada 100.000 habitantes) e a menor concentração de beneficiários do Bolsa Família (2% da população total recebe o auxílio). Entre as variáveis urbanização e professores, a microrregião de Curitiba possui um dos maiores índices em ambas as variáveis, enquanto o número de famílias que recebem o auxílio do bolsa família esta entre os menores índices entre todas as microrregiões pesquisadas. Os dados também permitem inferir que porção significativa de professores estão localizados em áreas urbanas dos municípios que compõem a microrregião de Curitiba.

A segunda microrregião no *Ranking* de desenvolvimento econômico regional em 2000 foi Foz do Iguaçu (PR). A explicação foi a alta correlação desta microrregião com Habitação (Fator 5). Há que se registrar que a variável Homicídios também figura com forte correlação com habitação. Pode-se inferir que a aglomeração de pessoas causada pela urbanização e a proximidade com áreas de fronteira ajudam a explicar a forte correlação com a variável Homicídios. Os demais fatores que estiveram fortemente relacionados à microrregião de Foz do Iguaçu foram despesas com Educação, Saúde, Esporte e Habitação (Habitação já era fortemente correlacionada com o Fator F1). As demais variáveis são relacionadas à produção, PIB *per capita* e PIB dos setores secundário e terciário. A forte correlação com a variável produção dos setores secundário e terciário se deve, fundamentalmente, à Foz do Iguaçu ter sua economia ligada às atividades de turismo e serviços.

A terceira microrregião no tocante ao Índice de Desenvolvimento Econômico Regional foi São Jerônimo (RS). Os fatores relacionados à essa microrregião foram as variáveis relacionadas à exportação (56% do PIB é advindo de exportações) e variáveis relacionadas à produção PIB *per capita* (maior PIB *per capita* entre todas as microrregiões do Sul do Brasil, em 2000) e PIB dos setores secundário e terciário. A microrregião de São Jerônimo possui indústria de máquinas, que se destacam na exportação de ferramentas hidráulicas e motores de explosão. (SECEX, 2012)

A microrregião de Londrina (PR), quarta posição no IDER, apresentou variáveis com alta correlação nos fatores F1 e F5. No Fator F1, as variáveis que mais se relacionam positivamente no ano 2000 são o nível de urbanização e número de professores a cada 100.000 habitantes e número de famílias que recebem o benefício do Bolsa Família, que se relacionou negativamente. O Fator F5 apresenta negativamente relacionado a variável homicídios e positivamente a variável Habitação. Alguns fatores relacionados à microrregião de Londrina se assemelham com os fatores de Curitiba (Urbanização, Número de Professores e Bolsa Família). Outras variáveis se assemelham com as correlacionadas com Foz do Iguaçu. O grau de urbanização atingido explica a correlação com a variável Habitação, pois maior quantidade de habitantes em áreas urbanas necessitam de maiores investimentos em Habitação. O maior grau de urbanização também reflete a correlação com a variável Homicídios, pois a maior aglomeração entre as pessoas pode causar tensões, que acabam por gerar estes tipos de crimes.

A última microrregião que alcançou estágio avançado no ano 2000 foi Porto Alegre (RS), onde os fatores F5 e F1 foram os que possuíram os maiores escores fatoriais nessa microrregião e tem forte correlação positiva com as variáveis Habitação, Urbanização e número de Professores. As variáveis Homicídios e Bolsa Família se correlacionam forte e positivamente.

A variável Urbanização aparece em várias microrregiões que possuíam altos níveis de desenvolvimento econômico regional, o que indica que a proporção de habitantes em áreas urbanas parece ser um indicador que influencia positivamente no nível de desenvolvimento que a microrregião possui.

As microrregiões que se enquadram como avançadas no ano de 2000 e que possuem grandes municípios em termos de número de habitantes (Curitiba, Londrina, Foz do Iguaçu e Porto Alegre) apresentaram características comuns. Elas possuem despesas significativas com Habitação, decorrentes de altas taxas de urbanização, assim como o grande número de professores a cada 100.000 habitantes. As variáveis que se correlacionaram negativamente também foi comum às quatro microrregiões. Baixo número de famílias cadastradas no programa Bolsa família e grande quantidade de homicídios.

4.2 RESULTADOS DE 2010

O padrão de localização visto nos estágios de desenvolvimento econômico regional no ano 2010 se diferenciou do observado no ano 2000. Houve a emergência de várias microrregiões de Santa Catarina, formando uma espécie de corredor de desenvolvimento, incluindo duas microrregiões que evoluíram para o estágio avançado, localizadas no litoral catarinense (Joinville e Itajaí). No Estado do Paraná, observou-se a retração da microrregião de Curitiba (PR), visto que seu estágio de desenvolvimento econômico regional era considerado avançado em 2000 e envolveu para em transição no ano de 2010. O cenário oposto foi verificado na microrregião de Paranaguá (PR), que alterou seu estágio de transição em 2000 para estágio avançado em 2010.

No Estado do Rio Grande do Sul, continua se observando a concentração espacial das microrregiões em estágio em transição ou avançado na parte central do estado. Em 2010, é visto a evolução das microrregiões de Guaporé e Osório para estágio em transição.

Na evolução para o ano de 2010, apenas a microrregião de São Jerônimo (RS) se mantém em estágio avançado de desenvolvimento. Junta-se à ela as microrregiões de Paranaguá (PR), Joinville (SC) e Itajaí (SC).

A microrregião com melhor colocação no *Ranking* de desenvolvimento econômico regional em 2010 foi Itajaí (SC). Os fatores que mais se correlacionam nesta microrregião foram F4 e F1. Nestes fatores, as variáveis de maior correlação foram despesas com habitação e esportes *per capita*, o que indica que investimentos nessas áreas fizeram com que a microrregião de Itajaí ocupasse a primeira posição. As demais variáveis que se correlacionaram fortemente com essa microrregião foram a taxa de urbanização, as despesas com saúde, a quantidade de professores e o número de famílias que recebem o bolsa família. Isso indica, mais uma vez, que o papel do Estado, tanto nas despesas quanto no programa Bolsa Família, tiveram influencia positiva e contribuíram para o bom desempenho no indicador de desenvolvimento econômico regional.

A microrregião que ocupou a segunda posição na classificação do IDER em 2010 foi São Jerônimo (RS), que já configurava nas melhores posições do IDER em 2000. O fator mais correlacionado com essa microrregião foi F1, que teve como variáveis mais correlacionadas a taxa de urbanização, famílias cadastradas no programa bolsa família e despesas com saúde e habitação. Diferente do observado no ano de 2000, onde seu IDER foi alto mas o fator com maior associação foi F2, que relaciona variáveis relacionadas à produção. Observa-se, portanto, uma mudança no perfil das variáveis que fizeram com que a microrregião de São Jerônimo permanecesse em estágio avançado de desenvolvimento. No primeiro momento, produção. No segundo momento, variáveis ligadas à urbanização e despesas municipais.

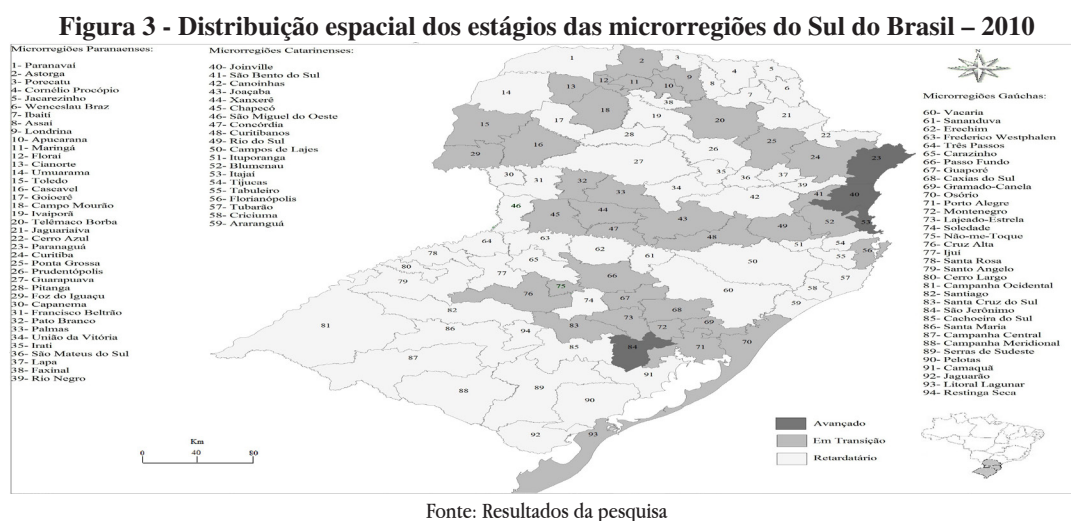
A terceira posição pertence à microrregião de Paranaguá (PR). Os fatores que levaram essa microrregião a possuir estágio avançado em 2010 foram relacionados à produção nos setores secundário e terciário, urbanização e despesas municipais. (esportes, saúde e habitação). As principais atividades são as do setor de serviços, especialmente as ligadas a transportes, visto que a presença do porto no município de Paranaguá exige a presença de alguns serviços como: auxiliares de transportes aquaviários, transporte rodoviário de cargas, serviços de alimentação, organizações associativas de profissionais

A quarta colocada é Joinville (SC). Seguindo a tendência das demais microrregiões avançadas, os fatores com forte correlação são relativos às despesas municipais. No caso específico de Joinville, despesas com habitação, esportes e educação. As variáveis relacionadas à produção dos setores primário, secundário e terciário também contribuíram para a ascensão no estágio de desenvolvimento de Joinville, que agrega duas dimensões importantes: a produção, que se relaciona com crescimento econômico e as despesas, que são componentes relacionados ao desenvolvimento.

As microrregiões consideradas em estágio avançado em 2000 retrocederam em seu IDER e não passaram a figurar entre as microrregiões em estágio avançado no ano de 2010.

O maior IDER em 2000, pertencente à Curitiba, teve seu IDER arrefecido e retrocedeu em seu estágio de desenvolvimento, em que no ano de 2010 Curitiba é considerada como microrregião em transição. Em 2010, os fatores mais correlacionados com essa microrregião eram variáveis relacionadas à produção do setor secundário e terciário, deixando de figurar as variáveis relacionadas às despesas municipais, que teve influência no ano 2000 para Curitiba obter o maior IDER daquele ano.

Fato semelhante ocorreu com Foz do Iguaçu, Londrina e Porto Alegre. Enquanto que em 2000 essas microrregiões obtiveram maiores correlações com variáveis relacionadas às despesas municipais e urbanização e, assim, alcançaram estágio de desenvolvimento econômico regional avançado, em 2010 essas microrregiões possuíam relação mais forte com variáveis relativas à produção e exportações.



Entre as microrregiões que passaram a figurar como de estágio avançado em 2010 e que não o eram em 2000 eram Itajaí, Paranaguá e Joinville. Os indícios para tal acontecimento em Itajaí foram a maior associação com as variáveis habitação e esportes, ou seja, maior associação com despesas municipais. Na microrregião de Paranaguá, as maiores associações em 2000 eram com as variáveis de produção, urbanização e despesas municipais (saúde e habitação). Em 2010, as maiores associações foram direcionadas à produção nos setores primário, secundário e terciário, além de despesas com educação.

A quarta colocada no IDER de 2010, Joinville, ascendeu ao estágio avançado com a associação maior com variáveis relacionadas à urbanização, número de professores e despesas com saúde e habitação e correlação negativa com a variável bolsa família. As variáveis de produção nos setores secundário e terciário e despesas com esportes também foram relacionados com a microrregião de Joinville em 2010.

O padrão espacial do indicador de desenvolvimento econômico regional das microrregiões do Sul do Brasil apresentam algumas peculiaridades. No ano de 2000, observa-se a existência de arquipélagos, onde se inserem microrregiões em estágio de transição e avançadas. Esses arquipélagos se formaram em quatro pontos dispersos. O primeiro na mesorregião Oeste do Paraná, onde se localizam as microrregiões de Toledo, Foz do Iguaçu e Cascavel. Essas microrregiões mantêm esse padrão de desenvolvimento em 2010.

O segundo arquipélago é formado também no Estado do Paraná, na porção Norte, formado pelas microrregiões de Londrina, Apucarana e Maringá. Vizinha à esse arquipélago, se concentram duas microrregiões que se encontram em estágio retardatário, Assaí e Faxinal.

O terceiro arquipélago agregou microrregiões de Santa Catarina e Paraná. Se estende desde a microrregião de Curitiba, no Leste do Paraná até a parte Leste de Santa Catarina. A microrregião de Curitiba atingiu um estágio de

desenvolvimento avançado em 2000, enquanto as demais microrregiões que fazem parte deste arquipélago alcançariam este estágio de desenvolvimento em 2010. São elas: Paranaguá, Joinville e Itajaí.

O último arquipélago formado no ano de 2000 se localiza no Estado do Rio Grande do Sul. Sete microrregiões se localizam nesse arquipélago: Santa Cruz do Sul, Lajeado-Estrela, Caxias do Sul, Montenegro, Gramado-Canela, Porto Alegre e São Jerônimo, sendo estas duas últimas consideradas de estágio avançado.

No ano de 2010, a configuração espacial se altera. A composição do IDER deixa de ser caracterizada por arquipélagos para se transformar em corredores de desenvolvimento.

O primeiro corredor criado se estende do Norte paranaense até o litoral, na microrregião de Paranaguá. Isso forma um corredor em diagonal do Norte em direção ao Leste, com todas as microrregiões pertencentes à esse corredor em estágio de transição, com exceção da última microrregião ligada à esse corredor, Paranaguá, que figura na lista de microrregiões consideradas avançadas em 2010.

Com a emergência das microrregiões de Santa Catarina ao estágio avançado, Joinville e Itajaí, percebe-se a elevação nos estágios de desenvolvimento de várias microrregiões em Santa Catarina. Isso levou à criação de um corredor que liga o litoral catarinense ao Oeste do estado, até a microrregião de Chapecó.

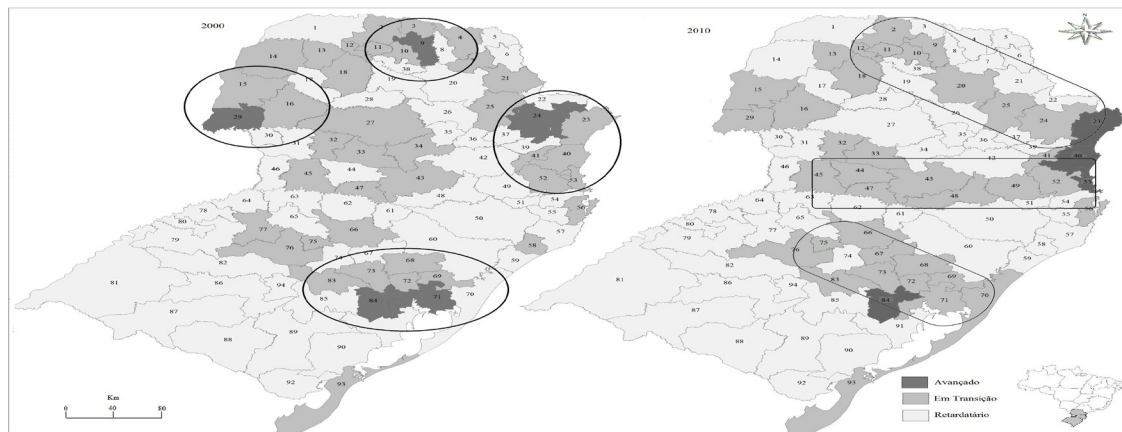


Figura 4 - Os arquipélagos e corredores de desenvolvimento econômico regional existentes em 2000 e 2010

Fonte: Resultados da pesquisa

O corredor formado no Estado do Rio Grande do Sul se assemelhou no formato ao corredor apresentado no Estado do Paraná, na diagonal Norte-Leste. O característica desse corredor é que ele agrega todas as microrregiões em fases de transição ou avançadas do Rio Grande do Sul. Exceção feita à microrregião Litoral Lagunar, as demais microrregiões englobam o estágio retardatário. Esse corredor de desenvolvimento gaúcho ainda apresenta uma singularidade: a presença de uma microrregião considerada retardatária (Soledade) envolta de microrregiões em estágios superiores de desenvolvimento. A quantidade de microrregiões condensadas no último estágio de desenvolvimento econômico regional que se localizam nas faixas Oeste, Sudoeste e Sul do Estado do Rio Grande do Sul evidenciam a necessidade de projetos especiais para alavancar o desenvolvimento dessas áreas, como a criação de mesorregiões diferenciadas pela Ministério da Integração Nacional.

5. CONCLUSÃO

O objetivo dessa pesquisa foi de mensurar e classificar o estágio de desenvolvimento econômico regional das microrregiões do Sul do Brasil.

A teoria de Walt Whitman Rostow norteia esta pesquisa, conquanto insere na análise do desenvolvimento econômico os estágios que cada região passaria até chegar em seu último estágio, a era do consumo em massa. Para se chegar nesses estágios de desenvolvimento, é importante salientar que o perfil de crescimento econômico e transição demográfica nos três estados do Sul foram diferentes. Enquanto que no Paraná e Rio Grande do Sul tanto a produção quanto a população se concentraram em suas respectivas capitais, Curitiba e Porto Alegre, em Santa Catarina a concentração se estabeleceu no Vale do Itajaí. Outra característica é que essa concentração em Santa Catarina não é tão grande em relação ao Paraná e Rio Grande do Sul, ou seja, produção e população estão mais dispersas pelo território.

Os resultados da pesquisa mostraram que as microrregiões classificadas como avançadas no ano de 2000 possuem as mesmas características: possuem despesas elevadas com habitação, decorrentes de altas taxas de urbanização e alto número de professores, juntamente com a variável relativa à homicídios. A variável que se correlacionou negativamente com essas microrregiões foi relativa às famílias cadastradas no programa bolsa família. A forte correlação negativa com a variável bolsa família pode ser explicada pela ausência de extrema pobreza em áreas urbanas, que é predominante nas microrregiões avançadas. Essa alta taxa de urbanização tem relação com a outra variável com forte correlação: homicídios. Quanto maior a aglomeração entre pessoas, maior a tendência a surgir conflitos, e conseqüentemente, a prática de homicídios.

No ano de 2010, as características predominantes às microrregiões classificadas como avançadas remetem às ações do Estado: despesas com habitação, saúde, esporte, educação e gastos com o programa bolsa família. O que mostra a importância deste como indutor do desenvolvimento.

Mesmo com um período de 10 anos entre a comparação entre os anos de 2000 e 2010, não observa-se nenhuma alteração substancial, principalmente com microrregiões retardatárias emergindo para estágios mais altos, o que evidencia a perpetuação das desigualdades regionais no sul do Brasil. As ações por parte do Estado brasileiro para mitigar esses desequilíbrios podem ser verificadas com a criação de mesorregiões diferenciadas, onde existem duas no Sul do Brasil, a mesorregião Grande Fronteira do Mercosul (GFM) que engloba o sudoeste do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul. Também foi criada a mesorregião Metade Sul, que insere toda a porção sul do estado.

ABSTRACT: The purpose of this research was analyzing the regional economic development of Southern Brazil's microregions, comparing their evolution in the early XXI Century. The works of W. W. Rostow guide the analysis, considering that his works classify the process of economic development according to stages. The factor analysis, through the principal components analysis method, was chosen to measure the development stages, comprising the periods of 2000 and 2010. With the economic and social variables selected, the Regional Economic Development Index (IDER) was estimated. With this indicator, the microregions were classified in three different stages of development: Advanced, In Transition, and Early. The results indicated two different effects in Southern Brazil. In 2000, development "archipelagoes" were observed, with few microregions which locate closely to each other and presenting superior development stages, such as the West and North sections of Parana State. In 2010, the geometric form observed is a rectangle, which can be classified as development "corridors", like the ones located in the East-West direction in Santa Catarina State and East-North in Parana State.

Key-words: Regional development; regional economy; brazilian economy, economic development.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, L. P.; ARTES, R. **Análise multivariada**. Lavras, Universidade Federal de Lavras, Departamento de Ciências Exatas. 48ª reunião Anual da Região Brasileira da Sociedade Internacional de Biometria e 10º Simpósio de Estatística Aplicada à Experimentação Agronômica. 2003.
- BECKER, G. S. Crime and punishment: an economic approach. **Journal of Political Economy**. Vol. 76, nº01, p. 169-217. 1968.
- BEZERRA, F. A. Análise fatorial. In: CORRAR, L. J.; PAULO, E.; DIAS FILHO, J. M. (Orgs). **Análise Multivariada para cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia**. São Paulo: Atlas, 2007.
- BULHÕES, O. G. Algumas considerações sobre as fases do desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Economia**. V. 14, nº 3, p. 5-15. 1960.
- CARDOSO, C. F.; BRIGNOLI, H. P. **Os métodos da história**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 3ª ed. 1983.
- FONSECA, M. A. **Planejamento e desenvolvimento econômico**. São Paulo. Editora Thomson. 2006.
- FROELICH, C.; NEUMANN, L. Desenvolvimento humano em municípios gaúchos: um estudo através da análise fatorial. **Perspectivas contemporâneas**. v. 2, nº 2, p. 79-100. 2007.
- FURTADO, C. **Introdução ao desenvolvimento: Enfoque histórico-estrutural**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, Ed. 3º. 2000.
- _____. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed. 1986.
- GUALDA, N. L. P.. IDR – Proposta Metodológica. **Texto para Discussão**. Programa de Mestrado em Economia - PME. Universidade Estadual de Maringá, 1995.
- HADDAD, P. Capitais intangíveis e desenvolvimento regional. **Revista de Economia**, v. 35, n. 3 (ano 33), p. 119-146. 2009.
- HIRSCHMAN, A. **The Strategy of Economic Development**. New Haven, CT: Yale University Press. 1958.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. 2012.
- IPEADATA. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Disponível em: <www.ipeadata.gov.br>. Acesso em 2 de Maio/2012.
- KLEINSCHMITT, S. C.; FERRERA DE LIMA, J. Polarização e Dispersão Industrial nas Microrregiões do Sul do Brasil. **Revista Geografar (UFPR)**, v. 06, p. 55-75, 2011.
- LIMA, A. E. M. A Teoria do Desenvolvimento Regional e o Papel do Estado. **Análise Econômica**. v. 45, p. 65-90. 2006.

MELLO, C. O. **Caracterização do desenvolvimento rural dos municípios paranaenses: uma análise com base na estatística multivariada**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Economia - Mestrado) Universidade Estadual de Maringá - UEM. Maringá. 2006.

MYRDAL, G. **Teoria Económica y regimes subdesarrolladas**. México: Fondo de cultura económica, 1968.

NAKAMURA, L. R.; FILHO, A. C.; OLIVEIRA, E. C.; FIRETTI, R. **Utilização da análise fatorial para orientar a criação de políticas públicas na área do trabalho, nas regiões administrativas de Araçatuba, Presidente Prudente e Marília**. In: Simpósio Nacional de Probabilidade e Estatística. Anais do Simpósio Nacional de Probabilidade e Estatística. São Paulo: Associação brasileira de Estatística. vol. 9. 2010.

NORTH, D. Location Theory and regional economic growth. **Journal of Political Economy**. Vol. 63. 1955.

_____. A agricultura no crescimento econômico. In: SCHWARTZMAN, J. (Org.) **Economia Regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte, MG: CEDEPLAR/CETEDRE – MINTER, p. 333-343. 1977.

PARR, J. B. On the Regional Dimensions of the Rostow's Theory of Growth. **Review of Urban e Regional Development Studies**. Vol. 13, nº1. 2001.

PELINSKI, A. **Padrão de desenvolvimento econômico dos municípios do Paraná: Disparidade, dispersão, e fatores exógenos**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio – Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Toledo. 2007.

PEREIRA, J. C. **Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais**. 3º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2001.

PEROBELLI, F. S.; OLIVEIRA, A. F.; NOVY, L. G. G; FERREIRA, M. V. Planejamento regional e potenciais de desenvolvimento dos municípios de Minas Gerais na região em torno de Juiz de Fora: uma aplicação da análise fatorial. **Nova Economia**. v. 9, nº 1, p. 121-150. 1999.

PERROUX, F. Nota sobre a noção de pólo de crescimento, in: SCHWARTZMAN, Jacques. **Economia Regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR. 1977.

PIACENTI, C. A. **O potencial de desenvolvimento endógeno dos municípios paranaenses**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Economia Aplicada Doutorado) Universidade Federal de Viçosa. UFV. 2009.

PIFFER, M. A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do Estado do Paraná no final do século XX. Tese de Doutorado (Doutorado em Desenvolvimento Regional) Universidade de Santa Cruz do Sul. UNISC. 2009.

PRATES RODRIGUES, M. C. Potencial de desenvolvimento dos municípios fluminenses: uma metodologia alternativa ao IQM, com base na análise fatorial exploratória e na análise de *clusters*. **Caderno de Pesquisas em Administração**. v. 9, nº 1, p. 75-89. 2002.

REIS, E. **Estatística multivariada aplicada**. Editora Silabo: Lisboa. 1997.

REZENDE, M. L.; FERNANDES, L.P; SILVA, A. M. R. Utilização da análise fatorial para determinar o potencial de crescimento econômico em uma região do sudeste do Brasil. *Revista Economia e Desenvolvimento*, nº 19. 2007.

ROSTOW, W. W. **Politics and the Stages of Growth**. Cambridge: the University Press. 1971.

_____. **Etapas do desenvolvimento econômico: um manifesto não comunista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 6ª edição, 1978.

_____. A decolagem para o crescimento autosustentado. In: Agarwala, A. N.; Singh, S. P. (Orgs.) **A Economia do Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto. Centro Internacional Celso Furtado, 2010.

_____. **O modelo de Rostow**. Disponível em: <<http://fdmc12geo.blogspot.com.br/2008/06/rostow-model.html>>. Acesso em: 30 de Maio/2012.

SECEX - **Secretaria de Comércio Exterior**. Disponível em: < <http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/index.php?area=5> >. Acesso em: 08 de Dezembro/2012.

VIANA, G.; FERRERA DE LIMA, J. Capital Humano e Crescimento Econômico. **Interações** (UCDB), v. 11, p. 137-148. 2010.

ZAMORA, F. Subdesenvolvimento e Política Global de Desenvolvimento. In: PEREIRA, L. (Org.). **Subdesenvolvimento e Desenvolvimento**. ZAHAR Editores. Rio de Janeiro. Ed. 3. 1976.

ZELINSKI, W. **A Bibliographic guide to population geography**. Connecticut: Greenwood Press. 1976.